

[illegible]



O surgimento da noite

Ruwëri

*Ou o livro das transformações contadas
pelos Yanomami do grupo Parahiteri*

edição brasileira© Hedra 2022
organização e tradução© Anne Ballester

coordenação da coleção Luísa Valentini
edição Luísa Valentini e Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
revisão Luísa Valentini e Vicente Sampaio
capa Lucas Kroëff

ISBN 978-65-89705-71-0
conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

O surgimento da noite

Ruwëri

*Ou o livro das transformações contadas
pelos Yanomami do grupo Parahiteri*

Anne Ballester (*organização e tradução*)

2ª edição

hedra

São Paulo 2022

O surgimento da noite relata, através de narrativas, o surgimento de elementos do mundo dos Yanomami. Da noite, como diz o título, mas também do tabaco, do cipó, da banana, entre outros. Tudo acontece através do personagem Horonami, um grande pajé que surgiu dele mesmo e junto com as florestas, e ensinou aos Yanomami como morar nelas. Além de compartilhar os conhecimentos com o próprio povo, também o fez com os estrangeiros. *O surgimento da noite* faz parte do segmento Yanomami da coleção Mundo Indígena — com *O surgimento dos pássaros*, *A árvore dos cantos* e *Os comedores de terra* —, que reúne quatro cadernos de histórias dos povos Yanomami, contadas pelo grupo Parahiteri. Trata-se da origem do mundo de acordo com os saberes deste povo, explicando como, aos poucos, ele veio a ser como é hoje.

Anne Ballester é coordenadora da ONG Rios Profundos e tem experiência de vinte anos junto ao povo Yanomami do Rio Marauíá. Trabalhou como professora na área amazônica, e atuou como mediadora e intérprete em diversos *xaponos* do rio Marauíá. Foi coordenadora do Programa de Educação quando ajudou a criar a SECOYA (1998), então comprometida com a garantia do sistema de saúde indígena. Dedicou-se à difusão da escola diferenciada nos *xaponos* da região, como também à formação de professores Yanomami, em parceria com a CCPY/Roraima, incorporada atualmente ao Instituto Sócio Ambiental (ISA). Ajudou a organizar cartilhas monolíngues e bilíngues para as escolas Yanomami, a fim de que os professores pudessem trabalhar em sua língua materna.

Mundo Indígena reúne materiais produzidos com pensadores de diferentes povos indígenas e pessoas que pesquisam, trabalham ou lutam pela garantia de seus direitos. Os livros foram feitos para serem utilizados pelas comunidades envolvidas na sua produção, e por isso uma parte significativa das obras é bilíngue. Esperamos divulgar a imensa diversidade linguística dos povos indígenas no Brasil, que compreende mais de 150 línguas pertencentes a mais de trinta famílias linguísticas.

Sumário

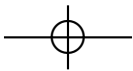
Apresentação	9
Como foi feito este livro	11
Para ler as palavras yanomami	15
O SURGIMENTO DA NOITE.	17
O surgimento da noite	19
Ruwëri	23
Horonami	27
Horonami	31
O surgimento do tabaco	35
Hãxoriwë	41
Horonami e o tatu	45
Mororiwë	53
O surgimento da banana	59
Pore	65
A anta que andava nas árvores	71
Xama a rë iminowei	73



Apresentação

Este livro reúne histórias contadas por pajés yanomami do rio Demini sobre os tempos antigos, quando seres que hoje são animais e espíritos eram gente como os Yanomami de hoje. Estas histórias contam como o mundo veio a ser como ele é agora.

Trata-se de um saber sobre a origem do mundo e dos conhecimentos dos Yanomami que as pessoas aprendem e amadurecem ao longo da vida, por isto este é um livro para adultos. As crianças yanomami também conhecem estas histórias, mas sugerimos que os pais das crianças de outros lugares as leiam antes de compartilhá-las com seus filhos.



Como foi feito este livro

ANNE BALLESTER SOARES

Os Yanomami habitam uma grande extensão da floresta amazônica, que cobre parte dos estados de Roraima e do Amazonas, e também uma parte da Venezuela. Sua população está estimada em 35 mil pessoas, que falam quatro línguas diferentes, todas pertencentes a um pequeno tronco linguístico isolado. Essas línguas são chamadas yanomae, ninam, sanuma e xamatari.

As comunidades de onde veio este livro são falantes da língua xamatari ocidental, e ficam no município de Barcelos, no estado do Amazonas, na região conhecida como Médio Rio Negro, em torno do rio Demini.

DA TRANSCRIÇÃO À TRADUÇÃO

Em 2008, as comunidades Ajuricaba, do rio Demini, Koxipíwei, do rio Jutai, e Cachoeira Aracá, do rio Aracá — todas situadas no município de Barcelos, estado do Amazonas — decidiram gravar e transcrever todas as histórias contadas por seus pajés. Elas conseguiram fazer essas gravações e transcrições com o apoio do Prêmio Culturas Indígenas de 2008, promovido pelo Ministério da Cultura e pela Associação Guaraní Tenonde Porã.

No mês de junho de 2009, o pajé Moraes, da comunidade de Komixipiwei, contou todas as histórias, auxiliado pelos pajés Mauricio, Romário e Lauro. Os professores yanomami Tancredo e Maciel, da comunidade de Ajuricaba, ajudaram nas viagens entre Ajuricaba e Barcelos durante a realização do projeto. Depois, no mês de julho, Tancredo e outro professor, Simão, me ajudaram a fazer a transcrição das gravações, e Tancredo e Carlos, professores respectivamente de ajuricaba e komixipiwei, me ajudaram a fazer uma primeira tradução para a língua portuguesa.

Fomos melhorando essa tradução com a ajuda de muita gente: Otávio Ironasiteri, que é professor yanomami na comunidade Bicho-Açu, no rio Marauíá, o linguista Henri Ramirez, e minha amiga Ieda Akselrude de Seixas. Esse trabalho deu origem ao livro *Nohi patama Parahiteri pë rë kuonowei tẽ ã — História mitológica do grupo Parahiteri*, editado em 2010 para circulação nas aldeias yanomami do Amazonas onde se fala o xamatari, especialmente os rios Demini, Padauri e Marauíá. Para quem quer conhecer melhor a língua xamatari, recomendamos os trabalhos de Henri Ramirez e o *Diccionario enciclopedico de la lengua yãnomãmi*, de Jacques Lizot.

A PUBLICAÇÃO

Em 2013, a editora Hedra propôs a essas mesmas comunidades e a mim que fizéssemos uma reedição dos textos, retraduzindo, anotando e ordenando assim narrativas para apresentar essas histórias para adultos e para crianças de todo o Brasil. Assim, o livro original deu origem a diversos livros com as muitas histórias contadas pelos

pajés yanomami. E com a ajuda do PROAC, programa de apoio da SECULT-SP e da antropóloga Luísa Valentini, que organiza a série Mundo Indígena, publicamos agora uma versão bilíngue das principais narrativas coletadas, com o digno propósito de fazer circular um livro que seja, ao mesmo tempo, de uso dos yanomami e dos *napë* — como eles nos chamam.

Este livro, assim como o volume do qual ele se origina, é dedicado com afeto à memória de nosso amigo, o indigenista e antropólogo Luis Fernando Pereira, que trabalhou muito com as comunidades yanomami do Demini.



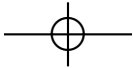
Para ler as palavras yanomami

Foi adotada neste livro a ortografia elaborada pelo linguista Henri Ramirez, que é a mais utilizada no Brasil e, em particular, nos programas de alfabetização de comunidades yanomami. Para ter ideia dos sons, indicamos abaixo.

- /i/ vogal alta, emitida do céu da boca, próximo a *i* e *u*
- /ë/ vogal entre o *e* e o *o* do português
- /w/ *u* curto, como em *língua*
- /y/ *i* curto, como em *Mário*
- /e/ vogal *e*, como em português
- /o/ *o*, como em português
- /u/ *u*, como em português
- /i/ *i*, como em português
- /a/ *a*, como em português
- /p/ como *p* ou *b* em português
- /t/ como *t* ou *d* em português
- /k/ como *c* de *casa*
- /h/ como o *rr* em *carro*, aspirado e suave
- /x/ como *x* em *xaxim*
- /s/ como *s* em *sapo*
- /m/ como *m* em *mamãe*
- /n/ como *n* em *nada*
- /r/ como *r* em *puro*



O surgimento da noite



O surgimento da noite

HORONAMI procurou aquilo que nos permite dormir. Ele fez aquilo que nos fará dormir. Aconteceu em toda a floresta. Ele procurou sem desistir, procurou, procurou e acabou encontrando essa coisa perto da sua moradia. A cauda da coisa já estava visível, pendurada em um galho, mas Horonami pensava que a coisa estaria sentada na raiz de uma árvore e continuou procurando longe, em todas as direções.

Não foi a noite que surgiu sozinha, de repente, para nós dormirmos. Assim, quem fez não foi outro. Não foi outro que fez anoitecer: foi Horonami, e apenas Horonami, quem soprou nosso sono — somente ele.

Qual a razão dessa procura? Como de dia ninguém parava de fazer sexo — vocês também não fazem sexo de dia? — e como a noite não existia — era sempre luz forte do dia — para ele esquecer os outros fazendo sexo, ele procurou a noite para envolver todos na escuridão.

A noite estava empoleirada em cima de uma árvore não muito distante. Parecia com um mutum empoleirado, cuja cauda repousava na parte alta de um galho inclinado de uma árvore *paikawa*.¹ Assim era a escuridão. Apesar de a noite parecer um mutum, Horonami conseguiu encontrá-la. A noite também cantava como um mutum.

1. Árvore baixa, chamada localmente de pé-de-maçarico.

Nessa época, os animais — como arara, mutum, queixada, anta, veado, caiarara, maitaca, irara, tamanduá-bandeira, papagaio e jabuti — eram Yanomami e, como os Yanomami, moravam em xapono. Horonami designou cada espécie de animal e deu-lhes seus nomes. Naquela época, ele procurou pela terra firme sem descanso, quando não havia xaponos espalhados pela selva; havia somente o xapono dele.² Os animais também viviam em xapono.³

Quando Horonami soprou a escuridão com sua zarabatana para nós dormirmos, ele queria que anoitecesse. Ele encontrou a escuridão e soprou. Depois de fazer cair a escuridão, ao mesmo tempo se desenhrou um pequeno círculo no chão, embaixo do lugar onde estava empoleirado o dono da escuridão.

O pai do cunhado de Horonami se chamava Manawë. Ele era uma boa pessoa, e avisou:

— Ele vai achar agora! Tomem cuidado! — avisou Manawë no xapono.

Quando Horonami flechou o mutum da noite, apesar de estar perto da sua moradia e de retornar correndo, ele também sofreu, porque anoiteceu de uma vez. Depois de ter soprado a noite em todos os cantos, e de ter corrido, ele adormeceu. Naquela noite, os Yanomami também sofreram. Não anoiteceu devagar. Até Horonami passou fome, pois não tinha como fazer fogo. Ele acabou ficando na escuridão, apesar de estar perto do seu xapono. Como foi assim que aconteceu, a mãe dele também sofreu, todos ficaram tontos de fome à noite. A escuridão perseguiu Horonami bem de perto, e ele estava com fome.

2. Horonami realiza diversas buscas para encontrar tudo que os Yanomami usam para viver.

3. Isto é, eram gente.

Depois de a noite apagar o dia, os que moravam com ele morreram de fome, pois comiam somente terra, comiam terra vorazmente e sofriam. Não sobreviveram. Até seu próprio cunhado sofreu e quase morreu. Horonami ficou angustiado.

Havia então três pajés: o avô, o avô mais novo e o cunhado, e eles esquartejaram a noite, fazendo reaparecer a luz do dia.

Para as pessoas não comerem mais terra, Horonami foi caçar. Ele nos ensinou a caçar. Ele tinha uma zarabatana, que alguns Yanomami usam para soprar, era isso que ele usava. Ele soprava os animais, tinha um sopro forte, e foi assim que ele nos ensinou a matar a caça com veneno.

É assim, é a própria história dos antepassados. É a história daquele que se apossou da floresta, é o início de tudo, a história do primeiro dono da floresta, Horonami.



Ruwëri

PĚMA ki miopĚ, pĚma ki pehi taei ha, tĚ tama. Ihi tĚ rĚ tare, exi tĚ ha tĚ taema? PĚma ki rĚ hititiwĚ rĚ miore, tĚ taprapĚ. Komikomi tĚ urihi ha e kuopĚ, a taa he yatirarepĚ, a taema. A taprai he yatiopĚ, kama yahipi ahete ha, ihi tĚ texinaki pata hāpraā waikiamā kupiyei ha.

— Kihami hii hi nasiki ha pei tĚ pata roa — a puhi ha kuni, a taema, a taei payĕkou piyĕkoma.

Kama titititi a ha kuxĕpraruni, a ha harini, pĚma ki miopĚ mai! Kama titititi a xomi ha pĕtaruni, pĚma ki mio pehi mai! Inaha a taprarema, ai tĕni mai! Titititi a rĚ kuprouwei, ai tĕni a tapranomi, Horonami a yaini. Ihi xīro. Horonamini kama pĚma ki maharixipi pehi rĚ horakenowei Horonami a yaia totihia. Ihi a xīro yaia.

Heao ha tĚ pĚ na ha wayotini, heao ha wama ki na wa rĚ wayouwei, hei tĚ titititi kuprou mao tĕhĕ, mi haru a xīro hiakawĕ kuotii kutaeni, ihi tĚ nohi mohotipropĚ, titititi a taema. TĚ ka kahupropĚ.

Hei ai a hikari rĚ prare naha, kihi Ruwĕri a paa, hei a pata paoma, paruri kurenaha a pata paoma. Paikawa koho pata ora hitoteopĚ ha, tĚ texinaki pata hāpraoma. Inaha Ruwĕri a kuoma. Ihi Ruwĕri a rĚ kui, paruri kurenaha a kuoma makui, yakumi a he haa he yatirema. Kama titititi a makui, paruri kurenaha a ikima, mia kurenaha, mia ikii kuaama.

Ihi tëhë, yakumi yaro, ara, paruri, warë, xama, haya, hoaxi, ârima, hoari, tëpë, werehi, totori, Yanomami hei kurenaha, të pë hiraoma. Ihini yaro pë wâha hiraapoyoma. Kamiyë pëma kini, pëma pë wâha yuapë. Ihi të mi wakaraxi xîro hami a taeotima, taeotima, taeotima...Ai yahi ai, ai yahi, xapono kurenaha kuo tëhë mai! Yami a përioma. Hei a xapono rë kurenaha hapa pë kuoma.

Ihi tëhë Horonamini Ruwëri a rë horaprare, pëma ki rë miowei, të mi titi titimai puhiope yaro, a horama, titititi kamani a horaprarema. A ha kemarini, ihi të xîro ha a rë kemare të ha, îsitoripi komorewë titititi a praoma. Titititi a praoma, ihi a pepi ha.

Pe heri hiipi rë kuonowei, ihi pë hii Manawë e wâha kuoma. E wâha wâritio taonomi. Pe heri hiipi wâha kuoma.

— Kuikë a taprai kure. Pei pë ta moyawëpo! — e kuu heama.

Kutaeni a rë niarahari, kama a wâisipi ahetea makure, a rërëimama makui, a no preaama. Rope të mi titirayou yaro. A ha horararini, a rërëatii makui, hei a mio kure. Ihi të titi hami, pë no Yanomami preaaî xoaopë. Opisi titi a kuaai taonomi. Ihi tëhë kama a makui, a no preaama, ohiri, pohoro hi ki poimi yaro. Kama a ruwëmoma, yakumi kama a ruwëmoma, a hiraa ahetea makure, a ruwëmoma. Inaha të kuprarioma kutaeni pë nii e no preaama, pë ohiri wëkëkoma mi titi hami. Inaha të kua. Kihî raxa si ki rë kurenaha, inaha e ruwëmou kuoma, yahi ahetea makui. Ohiri.

Horonamini pë kâi rë përiawei ha, pë ka rë hëaprarîhe, ohi a wayuni, pë nomaa haikirayoma. Pë xëprarema. Hei pita a yâxaamahe, a pata wëhërimamahe, horema pë rë kurenaha pë no preaama. Ihi e pë hëpronomi. Pe heri a

no premapoma. Pe heri e kâi waharoprarioma. Kama a rē kui, a xi harihirayoma.

Hekura ñaha tē pē kua yaro, pē xii, pē xii oxe, pe heri, ñaha pē kua yaro, ñaha, ai, ai, ai, pē hekura kua yaro. Titi a ha yakēkēprai he ha yatiroheni, tē mi harumaremahe. Ihiru heinaha kuwē, huya, pē hiakapronomi, pē nomaa haikirayoma. Pē ohitima yaro. Pruka mi titi tē pē yukemahe yaro, titi a huxomi hami, pē hiakapronomi, pē ruwēri no preaama, pē ni kâi ha mapraruni, ihiru rope pē nomai he tiherimoma, ñaha tē pē kuaama.

Ihi hei tē rē kupraruhe hami, kama a rami hui, a rami hui, kamiye pēma ki hirai ha, yaro pē niai hirai ha, mokawa a poimi makure, yoroa Yanomami tē pē rē horaiwehei, ñhinaxomi a poma. Ihini yaro pē horama, mi-xiã ki hiakao totihioma, ihi tē pou yaro, tē pē husuni, tē pē ixou hirai ha, ai tē ihiru imisi kâi hîrema, tē rē xēpra-renowei, ihi rē a rē pērio mi hetuonowei, ihirupi xēprai hayurayoma. Pore a pērioma, hapa kâi, Horonami payeri, ihi ihirupi rē xēprai hirare, kutaeni, ōka tē pē ha huni, tē pē xēihe, ñhini tē pē horai hirama. Ñaha tē kuwē, pata tē ã yai. Ihi urihi a rē ponowei tē ã, tē komosi rē praikuhe hami tē ã.



Horonamí

ESTA é a verdadeira história de nosso surgimento: quando a floresta era virgem, apareceu Horonami, personagem principal de nossa história, por causa de seus ensinamentos. O grande pajé¹ yanomami Horonami surgiu dele mesmo; surgiu ao mesmo tempo que esta floresta e foi quem ensinou os Yanomami a morar nela. Assim foi o início.

Não existia Yanomami como os de hoje, nem outro ser humano.

Ele propagou sua sabedoria para que nossa história fosse sempre lembrada e discutida, como fazemos agora. Aconteceu bem antes de os tuxauas yanomami passarem a existir como existem hoje.² Horonami foi o primeiro habitante da floresta e nos ensinou a morar nela, assim como ensinou também aos estrangeiros, os *napë*.³ Ele não tinha pai, mas mesmo assim ele surgiu. Ele surgiu em uma floresta maravilhosa.

1. Ser pajé, nestas histórias, quer dizer que o personagem em questão é ou tem a capacidade de se transformar em espírito e, com isso, fazer coisas extraordinárias.

2. No Amazonas, onde vivem as comunidades de Ajuricaba e Komi-xipiwei, usa-se *tuxaua* ou *liderança* para designar a pessoa de referência de uma comunidade indígena, por essa razão optou-se por esses termos na tradução.

3. O termo *napë* designa os estrangeiros, em geral os brancos, ou quem adotou seus costumes.

Quem morava com Horonami? Horonami morava com seu cunhado, Wiyanawë, que, apesar de não ter desposado sua irmã, era seu verdadeiro cunhado.⁴ Horonami sempre o levava consigo nos períodos que passavam dentro da mata, chamados *wayumi*, e ensinou os descendentes como ir de *wayumi*.⁵

Apesar de sua mãe não ter parido Horonami, pois ele surgiu de repente, o nome de sua mãe era Yotoama. O pajé Horonami foi quem procurou e descobriu nossa comida, nosso conhecimento da floresta e o habitat dos animais, para que, quando os Yanomami ocupassem a floresta, eles fossem capazes de aplacar sua fome de carne.

Ele descobriu o nome dos animais quando eles viviam como nós. Apesar de serem animais, antes eles viviam do mesmo modo que os Yanomami.

Como ele fez aparecer a água para acalmar a sede dos Yanomami? Ele abriu várias veredas na floresta. Abriu veredas em todas as direções, de forma que elas nunca sumam e que sempre bebamos água.

Horonami tinha seu próprio xapono,⁶ onde moravam também seus aliados, que se tornaram muito importantes.

4. Os Yanomami, tradicionalmente, não podem chamar uns aos outros por seus nomes próprios, por isso usam termos de parentesco. Quando não há consanguinidade, são usados termos de afinidade, como cunhado ou sogro. Cunhado é também um termo positivo, na medida em que indica alguém em quem se pode confiar.

5. Longas estadias coletivas na floresta. Em geral são motivadas pela falta de comida no xapono. A comunidade pode se dividir em vários grupos quando se trata de um xapono populoso, e se desloca num vasto círculo, fazendo acampamentos sucessivos.

6. Os xaponos são as casas coletivas circulares onde moram os Yanomami. Cada casa corresponde a uma comunidade; em geral não se fazem duas casas numa mesma localidade.

Como se chamava o xapono pertencente a Horonami? Esse xapono chamava-se Horona.

O xapono vizinho, que ficava do outro lado do rio, se chamava Menawakoari. Os primeiros habitantes desse xapono também se chamavam Menawakoari. Penewakoari era o tuxaua e morava com o grupo dos Kapurawëteri. O tuxaua dos que moravam com Horonami se chamava Penewakoari. Kapurawë era o nome do xapono e da região dos Kapurawëteri.⁷

Penewakoari morava com eles e estava destinado a se transformar num monstro. Penewakoari depois se transformou no monstro Xõewëhena, faminto de carne e comedor de crianças. Mas, quando ainda era Yanomami, Penewakoari morava no xapono Kapurawëteri, vizinho ao xapono Horona.

Nesses xaponos moravam poucas pessoas. Com o tempo, nos xaponos vizinhos foram aparecendo mais tuxauas. Os primeiros tuxauas que viviam nos xaponos vizinhos, os xaponos dos aliados, não eram nossos antepassados, eram outros. Sobre eles se contaram estas histórias.

7. *Habitantes*: em alguns casos o xapono tem o nome de seu tuxaua.



Horonam

YANOMAMI hekura kama xoati a pētarioma, urihi hami he usukuwē a rē pētarionowei, Yanomami pēriai hirarewē a rē pētarionowei a yai. Inaha tē kua, hapa.

Yanomami hei kurenaha pē kuo mao tēhē, ai tē kuonomi.

Wetini pēma ki taprarema? Kamiyē pēma ki rē pētarionowei tē ā yai kua. Pēma ki rē hiranowei kurenaha pēma ki noā tayopē. Urihi a xomao tēhē, Horonamini Yanomami tē rē hiranowei, ihi a xīro periami pētarioma. Horonami Yanomami tē pē ihirupī periami kuo mao tēhē, Horonami hapa kama hekura a pētarioma. Pētaruni, urihi a yurema. Inaha kamiyē pēma ki no patapi yai wāha kua.

A pērikema. Kamiyē pēma ki pēriai hirapē. Napē pē makui, pē pēriai hirapē, hirama. Horonami ai pē nii e kuonomi makui, kama a pētarioma. Urihi hei a kuonomi, urihi katehe a ha a pētarioma, katehe urihi a ha.

Horonami weti xo ki pēripioma? Kama Horonami, pe heri xo, Horonami pe heri a rē pararuponowei, notiwa tē ki wayumi pēriai hirai ha a rē pararuponowei, pe heri Wiyanawē e wāha kuoma, ihi Horonami pe heri yai, yaipi e poimi makure, Wiyanawē pe heri e kuoma.

Pē niini a kepranomi makui, e xomi pētarioma, pē nii Yotoama e wāha kuoma. Horonami kahiki rē niimonowei kama xoati Yotoama e wāha kuoma, Horonami niipi. Yanomami pē rarou mao tēhē, ihi a rē pērikenowei, hapa a wāha koro prao kure. Ihini Horonamini hekura a rē

pëtarionowei, kama xoati a rë pëtarionowei, ìhini kamiyë pëma ki rë iaiwei, a urihi rë minowei, yaro pë rë përihi-monowei, pë rë wārinowei, kamiyë pëma ki naiki waopë.

Hei kurenaha kuwë tē pë përihimoma, ìhini yaro pë wāha wārima, ìhi a mori kua yaro. Yarori pë makui, e pë Yanomami përiai ha pariikuni, Horonamini pë wārii piyëkoma.

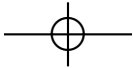
Ìhini pë amixi kâi rë kōamanowei, ìhini wetini, weti naha u pë kupropë? Horonamini urihi hami pei yo pë reiki rë tanowei, exi tē pë kupropë mai! Mayo ki maprou pëo rë mai, yo ki tama. Mau pëma u pë koapë. U pë kupropë, yo pë tama. Inaha a urihi komio tēhë, ìnaha tē tama.

Horonami xaponopi kuoma, pë rë përiowei. Ìhi payeri a rë payeriponowehei, përiami tē pë kuprarioma.

Kama xaponopi ipa kurenaha, pukatu hami, ai xapono, a rë kuonowei, Horonami kama xapono e rë ponowei, weti naha e wāha kuoma? A kâi rë përiowei, nahi rë ìtaponowei, kama Horona xapono e wāha kuoma. Ìhi kamani a wāha rë yehipore a kâi përioma. Ìhi e wāha kuoma, xapono.

Kama kipi rë përipiowei, ìhi te he tikë ha, Menawakoari a kuoma. Hapa tē pë rë përiowei tē pë wāha, Menawakoari, Penewakoari hapa Xōewēhena yai, yai tē rë kuprarionowei, Penewakoari a naikia rë përiowei, Penewakoari përiami kē a, Kapurawēteri pë kâi përioma. Hei Horonami kama teri e pë kâi rë përiowei Penewakoari përiami a wāha yai kuoma. Kama e pë rë kui Kapurawēteri e pë wāha kuoma. Kama yahipi, urhipi Kapurawēteri e wāha kuoma. Kama përiami Penewakoari, yai tē kupropë makui, pë kâi përioma. Ihiru pë wama, hei kurenaha pë wama. Hapa a yanomamio tēhë, Penewakoari a përikema.

Inaha houkutawē, kuwētatawē pē kāi pērioma. Hāiki-tawē pē kāi pērioma. Ihi kama e pē rē kui Kapurawē-teri. Kama pēriami Penewakoari a wāha kuoma. Ihi te he wai tikēre hami, pē yahipi he rē tikēkēmonowei, xoti pēriami pē kuprarioma. Kama nohi pē yahipi he rē tikēkēmonowei, pēriami ai, hapa tē pē rē kuonowei, kamiyē yama ki no patama mai, ai! Hapa tē pē wāha nohi rē wēyēnowehei tē pē wāha.



O surgimento do tabaco

ESTA é a história de Hãxoriwë, o dono do tabaco. Antes ninguém usava o tabaco, porque ninguém conhecia suas sementes, nem as soprava para semear.

“É desse jeito que se coloca o tabaco no lábio!” Ninguém pensava assim. Eles não conheciam o tabaco; por isso, ninguém andava com brejeira no lábio, ninguém o usava, pois o desconheciam.

Nessa época, Hãxoriwë morava sozinho, não tinha esposa nem filho. Quando Horonami por acaso o encontrou, ele fez perguntas a Hãxoriwë. Horonami o encontrou pois era pajé e se deslocava facilmente. Quando Horonami o encontrou, ele o viu comendo a fruta *pahi*, um tipo de ingá. Hãxoriwë estava comendo, mas não usava tabaco. Ele tinha vontade de usar tabaco, por isso chorava. Hãxoriwë chorava. Estava sofrendo por causa do tabaco, e assim nos ensinou a ter vontade de usar o tabaco — por isso choramos quando não tem tabaco.

Horonami apareceu naquele momento; Hãxoriwë estava comendo. Ele comia frutas *pahi* sem parar. Os galhos estavam cheios de frutas agrupadas, que estavam penduradas nos galhos carregados. Horonami o viu comer. Horonami estava vindo sem nada, não tinha brejeira, mas fez aparecer no seu lábio um tabaco sem cor. Ele fez aparecer o tabaco *taratara*.¹ Enquanto Horonami ainda estava de pé, ele perguntou a Hãxoriwë:

1. Trata-se de uma variedade forte de tabaco, muito apreciada.

— Quem é você? Você aí, quem é?
— Não pergunte quem sou! Sou Hãxoriwë! — disse ele. — Meu filho,² é você?
— Sim.
— Você, quem é você?
— Sou Horonami, sou Horonami — disse. — O que você está comendo?

— Não pergunte o que é! — retrucou. — Eu como fruta. Eu como fruta. É a fruta *pahi*! — disse Hãxoriwë.

Quando ele disse isso, Horonami olhou. Ele queria fazer aparecer o tabaco. Ele não fez aparecer o tabaco da forma que o conhecemos, pois ninguém, sequer ele mesmo, sabia preparar o tabaco depois de soprar as sementes e de misturar as folhas com cinzas. Como Horonami era pajé, ele fez sair o tabaco de dentro de Hãxoriwë. Depois de fazer sair o tabaco sem cor, ele o usou. Hãxoriwë olhou e quando viu o tabaco:

— *Hĩĩĩ!* — chorou logo.
Era um ardil para que Horonami lhe desse o tabaco:
— Brejeira! Meu filho! Brejeira! — chorou Hãxoriwë.
— *Hĩĩĩ!* Meu sogro! Você está sofrendo tanto assim?!
— Sim! Estou querendo, meu filho! Divida o que você tem no lábio! — chorou ele.

— Meu sogro está sofrendo muito, mesmo! Me dê algumas das frutas que você está comendo e eu lhe darei tabaco para você provar! — disse Horonami.

Com essa conversa, Hãxoriwë jogou uma ou duas frutas. Ele estava sovinando as frutas, guardando-as só para si. Horonami experimentou as frutas.

2. Modo carinhoso usado por parentes mais velhos ao se dirigirem a parentes mais novos, mais especificamente entre pais e filhos ou avós e netos.

Depois de chupar as frutas, os caroços caíam por si sós, de tão maduras:

“*Hĩĩ! Prohu! Prohu!*” elas faziam ao cair.

— Sogra! As sementes estão moles. Tem muitas frutas ali grudadas, tire para mim!

— Não, primeiro me passe a brejeira!

Hãxoriwë nos ensinou essa palavra: brejeira. Assim, quando Horonami a guardou no lábio, ele disse:

— Minha brejeira!

Não apareceu logo esse nome, tabaco.³ Ele só apareceu quando Hãxoriwë pronunciou essa palavra, até então desconhecida. Horonami lhe deu a brejeira. Horonami aproveitou a situação e pediu outras frutas. Assim, Hãxoriwë lhe deu mais uma, mais uma e mais uma. Essas frutas penduradas, depois de colhidas, pareciam cachos de banana.

— Vamos, meu sogro! Experimente! — disse Horonami.

— Prova!

Tëi!, Hãxoriwë caiu.

— Dê aqui! Traga aqui! — choramingou.

Como Hãxoriwë estava chorando, Horonami lhe deu o tabaco e ele logo o colocou no lábio. Quando o colocou na boca, ele já ficou tonto, e tremia de tontura. Ele chorava, embriagado. A força do tabaco o pegou imediatamente. Ainda com o tabaco na boca ele cuspiu, e a espuma caiu no chão. Onde a espuma caiu, surgiu um broto de tabaco, que logo cresceu e se espalhou de uma vez. As folhas de tabaco logo ficaram grandes, como as folhas da jurubeba.

Horonami fez aparecer o tabaco através de Hãxoriwë. O conhecimento das sementes foi transmitido, por isso

3. Nesta narrativa os dois termos são tratados como sinônimos.

nossos antepassados as pegaram e hoje nós usamos o tabaco, apesar de ele se originar do cuspe de Hãxoriwë.

— Meu sogro, depois de melhorar, você dirá: é só tabaco! — disse Horonami.

Enquanto Hãxoriwë estava pendurado e inebriado, uma espuma grande saiu da sua boca, por causa da força do tabaco. Ele se engasgou e cuspiu, e foi dessa espuma que surgiu o tabaco, do cuspe de Hãxoriwë, que se tornou tabaco.

E um dia, quando os antepassados foram de *wayumi*, como de costume, um deles encontrou o tabaco. Assim, fizeram se multiplicar as sementes e ficaram conhecendo o tabaco.

Quem fez aparecer o tabaco? Nós já sabemos, não foi outro que o fez aparecer. Não foi um Yanomami comum.

Havia nessa época os Yanomami do xapono Warahiko, e foram eles que encontraram o tabaco, foi um deles. Quando viram o tabaco, disseram:

— Ōooãa! Uau! Uma plantação de tabaco!

Foram eles que pronunciaram o nome do tabaco. Em uma região ali perto, moravam dois Wãimaãtori, de outro xapono. Quando os do xapono Warahiko encontraram um deles, lhe contaram a respeito do tabaco.

— Meu filho! Qual é o nome disso? — Ah, é tabaco! — assim retrucaram os dois Wãimaãtori.

Foi assim que aconteceu: Hãxoriwë, os Warahikoteri e os dois Wãimaãtori descobriram o tabaco primeiro. Foi assim que o uso do tabaco se desenvolveu. Os *napë* não fizeram surgir o tabaco depois de soprar as sementes. Foi a partir do lugar onde surgiu o tabaco que ele se espalhou por todo canto. Assim foi.

Como surgiu o tabaco? Já sabemos: Hãxoriwë iniciou o processo quando Horonami fez aparecer o tabaco, en-

quanto Hãxoriwë estava olhando. É obra de Horonami, foi ele quem o fez surgir. Ele é um grande pajé, por isso, o maior.

Depois de o tabaco se espalhar, quando os Warahikoteri eram Yanomami, eles até desmaiaram com a força do tabaco *taratara*. Sofreram de tontura. Os dois Wāimaãtori que moravam mais além, apesar de serem resistentes ao tabaco, também desmaiaram e ficaram duros por causa da força do tabaco *taratara*. Mas depois eles melhoraram. Foi assim que, em seguida, pegaram as sementes de tabaco e as espalharam, fazendo-as se multiplicarem aqui. Assim foi.

Hãxoriwë morava aqui. Depois da história do sofrimento de Hãxoriwë, surge a história do encontro de Horonami com o Tatu.



Hāxoriwë

HĀXORIWĒ tē ā. Inaha tē kua. Pēe nahe mo ha horariheni, pēe nahe mo ki ha tarariheni, ha horariheni, nahe mo ha homorini, tē pē kareanomihe, hapa. Inaha pēe nahe kareamou:

Hata kure! Tē pē puhi kunomi. Xīro tē pē puhi mohoti kuotima, īhi tē pē husi kāi karereapraronomi, ai tē kareanomihe, tē pē puhi mohoti yaro.

Īhi tēhē, Hāxoriwë yami a pērioma. Hesioṗi mai! Hesioṗi a kāi kuonomi, ihirupī e kāi kuonomi. Īhi a he ha harēni, Horonamini a he ha harēni, a he harema, a he hapērema, a wārima, īhi wetini e tē yai taprarema. Īhini rē a he rē haarenī, kama hekura a yaro, hei xīro kurenaha e warokema makui, Hāxoriwë a iai ha tararini, pahi ki ha a iama. Kete, pahi ki ha, xīroxīro pēe nahe kareponomi. A puhi toopronomi, īhi tē pē ha a īkima, Hāxoriwë a īkima. Īhi tē pē no pēxiri ha a no preaama, hei pēma ki puhi toomi hirama, pēma ki ma rē īkiiwei, īhi tēhē Horonami e pētarioma. Hāxoriwë a iama. Pahi ki ha a iatima. Pei hi poko ki hami, e tē pē pata yērēkēmoma, ximokore e tē pē pata reikipramoma. A iai tararema. Īhi ei tē rē pētamare, xīroxīro a huimama, ai e tē kareponomi, axiaxi e tē pētamarema, pei husi hami. Īha e tē rē pētamare, taratara e taprai kure. Horonami e upratou tēhē:

— Wetī kē wa? Mihi wetī kē wa? — e kuma.

— Wetima! Hāxoriwë kē ya! — e kuma — Xei! Kahē rē wa?

— Awei.
 — Weti kē wa?
 — Horonami kē ya, Horonami kē ya! — e kuma — Exi
 wa tē ki wai kure? — e kuma —

— Exima! — e kui no mihioma — Kete ya ki wai, kete
 ya ki wai. Pahi kē ki! — e kuma.

Ihi e mamo xatiprakema. Pēe e nahe pētamaī puhiope
 yaro. Ai tēni, kamani tē mo ki ha horakini, tē ha yaarini,
 e tē ripi pētamanomi. Kama hekura a yaro, pei huxomi
 hami e hamarema. E ha hamarini, e tē karetarema axi.
 Kihī mamo xatiprakema. Pēe nahe ha tararini:

— *Hīi!* — iharē e ika xarayoma, pēe nahe ha, e tē
 hipēamaī puhiope yaro, nomohori.

— Weyuyē kēēēē! Xei! Weyuyē kēēēaaa! — e kuma. E
 mia kuma — *Hīi!* XoaPe wa puhī too no preomi totihiwē
 tawē?

— Awei ya puhī tooma, xei, mihi wa tē wai rē karepore!
 Tē ta karoa haipa! — a ikirani e kuma. E kui ha:

— XoaPe tē ā no preo rē totihiwē yai ta kēi. Mihi
 wa tē ki rē ware, inaha tē ki ta hukēa tapa! Ihi hei ya tē
 hipēapē, wa tē mipē! — e kuma.

Ma kui tēhē, porakapi e tē ki, mahu tē ki xēyēkema,
 tē ki no xi imapou yaro. Tē ki nowamama. E ha xēyēkini,
 e wapama.

— *Hīi! Prohu! Prohu!* — kama e mo ki prērēi rēoma,
 hī horehewē tē ki pata.

— XoaPe, tē mo ki pata prore totihiwē kē! Mihi xītoxīto
 tē ki pata rē tēre, ihi tē ki pata ta hukēpa!

— Ma, weyuyē a wai ta hio pario! — Kama Hāxoriwēni
 weyu a wāha hiraMa. Ihi kutaeni, a karepou ha:

— Weyuyē kē! — e kuma.

Hapa pēe nahe wāha kuo haionomi. E ha kuni, e tē
 hipēkema. Ai ki ha nomohori nakaa kōrēni, inaha, hei ai

a, ai a, ai a, ñaha e ki takema. Ihi ki rē yērēkēawei, e ki pata ha hoyorēni, hawē kurata e tē ki hamo pata rii kuwē.

— Pei! Xoape! Hei! Tē ta wapa! — e kuma. Wapēpraa, ihi rē!

— Tēi! — e kerayoma. Hēyēmi kē! Hēyēmi kē! — e mia kuma.

E ikirani, e hipēkema. E karetai xoarayoma. Ihi ei e rē karerehe hamī, Hāxoriwē a rē kui, a hairema. A yatiyatia hairayoma. A porepi ikiye, yētū a hairema, ihi tē ma karepore makui, kihami pei kahi u pē pata porepi rē prarirouwei, kahi u pē moxi, kuaama makui, ihami rē nahe pē rē pētore, kihi nahe pata rē homorihe, ihi nahe pata pēprarioma, pē. Hawē kuma masi mohe pata rē yoihihe.

Ihi Hāxoriwē iha nahe pē rē pētamarenowei, nahe mo ki piyēai ha kuikuhēni, pēma tē pē hore kareai kure, pei kahi u pē makui.

— Xoape wa ha harorini: *pē nahe* wa kupē tao — e kuhērima.

A porepi rukēo tēhē. Pei kanehēro pēni a xoaparioma, pē nahe wayuni. Ihi iha pē nahe ki harayoma, pei kahi u pē pēnaheprarioma. Pata pē hui ha kuikuni, tē pē wayumi ma rē huiwei, tē pē ma rē pēriaiwei, tē pē pēriama, pē nahe he pata rē haaiwei, a hurayoma.

Tē mo ki paramai xao hēriipehe, te he pata haremahe.

Wetini tē ki pētamarema? Pē puhī kui mai! Ai tēni pē nahe pētamai taonomi, Yanomami tēni mai! Warahikoriteri pē hiraoma. Kama pē xīro hiraoma. Ihi pēni pē nahe he haremahe. Warahikoteri ani. Ihi pēni pē nahe ha tarariheni:

— *Ōoōā!* Pē rē nahe pata!

Ihi rē pēni nahe wāha yupraremahe. Ihi tē he tikēa ha, Wāimaātori ki pēripioma. Ihi Warahikoriteri pēni a he ha

hareheni, Wāimaātoriwē kipi iha pē ā no wēa piyēkema.
Ihi kipini:

— Xei! Wetī naha, exi tē pē wāha? Puhi ku tihehē! Pēe
kē nahe! — Wāimaātori kipi kupima.

Ihi pēni, hei Hāxoriwē, Warahikoteri, Wāimaātori kipi
īnaha pēe nahe kareai rē xomaonowehei pē kuprarioma,
te he haa rē xoamakenowehei. Inaha a kupro hēripē,
pēe. Napē pēni tē mo ki ha horakeheni, napē pēni a kāi
tapranomihe. Taprano hei ami, napē pē iha. Ihi a urihi
rē kutarenaha nahe pētopē ha, a xomi tapramai xoarayo
hērima. Inaha a kuprarioma.

— Wetī naha pēe nahe kuprarioma? — puhi kui mai!
Haxōriwēni. Horonamini e nahe hipēkema. Kama hēyēmi
e nahe pētamarema, kama mamo yēo tēhē. Ihi unosi yai,
Horonamini tē rē pētamarenōwei, tē yai. Kama hekura a
yai pata, pē hii a yaro. Pē hii yai.

Hei pē rē kui, ei a rē piyērēahei, īhi Warahikoteri pē
rē kui, pē Yanomami kuo tēhē, hei pēe naheni, taratara a
wayuni pē nomarayoma. Pē porepi no preaama. Hei ki he
rē torepire ki no motahapiwē makui hei taratara ani, ki kāi
nomawē kaxexēpiwē no prepioma. Ihi makui, waiha kipi
haropirayoma. Kutaeni hēyēha nahe mo ki piyēremahe,
piyēa xoaremahe. Nahe mo ki piyēaihe, hēyēha a raroa
piyēkema. Praukou xoaoma. Inaha a kuprarioma.

Hei Hāxoriwē a pērioma, hēyēha. Ihi tē mi amo ha, hei
a no rē preaamare, hei a no rē premarihe, a ha hayuikuni,
Mororiwē a he hōra haa piyērema.

Horonami e o tatu

O surgimento do cipó e da embira

O TATU era Yanomami e era muito comprido.¹ Horonami encontrou o Tatu. Por que Horonami cortou o Tatu bem na cintura? Nós, Yanomami, amarramos terçados e fazemos as cordas de arco com o cipó-de-apuí que se ergue na mata. Nós o cortamos e descascamos. É com isso que nós amarramos nossas redes, com as embiras de cipó-de-apuí.

Horonami cortou o Tatu. Antes disso não havia linha de pesca. Nossos antepassados não tinham corda de rede. Depois de encontrar o Tatu, depois de esticar suas tripas, depois de destruí-lo, ele o cortou em pedaços.

Foi Tatu quem fez aparecer o machado, pois foi ele quem o fabricou. Ele percebeu que certo tipo de madeira dura parecia um cabo de machado. Assim, o Tatu possuía o único machado. Ele ensinou aos *napë* como fabricar o machado. Então ele não tinha dificuldade em tirar o mel, pois tinha o machado. Ele fez um cabo comprido, depois de quebrar um pau, enfiou e amarrou o machado de pedra em um pau, era um machado de pedra; depois de amarrá-lo, ele partiu um tronco e tomou mel. Os antepassados não tomavam mel, não sabiam tomar. Ele ensinou a tomar

1. Era gente, e tinha os hábitos e o corpo semelhantes aos dos Yanomami. Trata-se aqui do tatu-de-rabo-mole-comum (*Cabassous unicinctus*).

mel, ele que existiu primeiro, quando os Yanomami não existiam, quando este inventor não morava entre eles, ele ensinou a tomar mel. Esse tatu se chama *moro*. Horonami o encontrou.

Ku, kôu, kôu, kôu, kôu, kôu!, fazia Tatu, cortando o tronco. Horonami ouviu esse som pela manhã.

— *Ho!* Quem produz esse som, eu quero ver. Dá para ouvir de longe — disse Horonami.

Ele logo foi em direção ao som. O Tatu estava sozinho; o som fazia zoadá. Horonami estava indo na direção do som e parou. Tatu derramava o mel *tima*,² ele o derramava de uma árvore à qual deu o nome de *roa*.³ Horonami ficou de pé parado, perto de Tatu, fazendo um som com a boca para chamar sua atenção. Aí fez outro som com a boca, mas Tatu nem olhava, ele cortava sem parar, com as pernas abertas. Naquela época, ninguém chamava o outro de *sogro*. Horonami nos ensinou então a chamar de *sogro*:⁴

— *Hĩĩĩ*, meu sogro! — disse. — Meu sogro! — disse Horonami com uma voz assustadora.

Quando disse isso, o Tatu parou.

— *Hĩ!* *Õ!* — disse assustado. — *I!* *Õ!* De quem é essa voz? — O Tatu falava assim. — De quem é essa voz? — ele respondeu, com uma voz que não era normal. Era o seu jeito de falar mesmo.

2. Mel de uma abelha de mesmo nome, que faz sua colmeia no oco dos troncos, próximo ao solo.

3. Árvore alta e de madeira dura.

4. Sogro, ou tio. O uso desse termo indica uma relação de respeito. Horonami quer se aproximar de Tatu. Trata-se também de uma observação irônica, pois as mulheres ainda não existem no período em que acontecem as histórias de Horonami, e portanto as relações de aliança — sogro/ cunhado — não são uma possibilidade.

Horonami olhou, sorriu.

— Sogro! O que você está comendo? O que é isso? — disse Horonami.

— Não pergunte quem eu sou! — ele disse. — Você sabe quem eu sou! Sou o Tatu! — disse ele. Dizendo isso, ele perguntou:

— Qual é o seu nome? — ele desafiou Horonami a dizer seu nome.

— *Hĩ*, eu sou Horonami.

Horonami falava com uma voz bem bonita, pois ele era bonito.

— *Hĩĩ*, meu filho, eu sou o Tatu.

O Tatu era esbranquiçado. Ele era branco, como os *napẽ*. Ele o chamou logo.

— O que você está querendo fazer? O que você está cortando?

— *Hĩ*! Estou comendo assim! Estou comendo isto.

— Eu quero experimentar — disse Horonami. — Quero experimentar um pouco! Posso beber? Que tipo de mel é?

— Não pergunte o que é! É o mel *tima* — disse o Tatu.

A partir desse momento, nós, Yanomami, aprendemos a chamar esse mel de *tima*.

— Lá tem mel *tima*! — ao vê-lo, eu direi assim.

Foi o Tatu que ensinou o nome. Horonami chegou mais perto daquele que estava falando. O Tatu maroto chamou Horonami.

— Vai! Experimente, meu filho! Experimente, meu filho! O buraco da colmeia ficou aberto. Pise nesse buraco e entre nela! — disse.

Era uma armadilha para fazer Horonami entrar no buraco da árvore. Horonami aceitou:

— *Hĩĩĩ*! Será que o buraco tem espaço suficiente? O mel está jorrando, está gotejando mesmo. O buraco da colmeia

está em baixo. A colmeia acaba aí. Entre lá dentro! Fique mais em cima, pise para baixo! Eu estou olhando! — disse o Tatu, malicioso.

Quando ele disse isso, Horonami cedeu e entrou logo. Foi logo e entrou, a colmeia fazia barulho, e ele foi até o alto da colmeia. Ficou de pé lá no alto dela. De pé, onde ele entrou, pelo buraco que o Tatu tinha feito. O Tatu fechou o buraco, e não havia outra saída. O Tatu prendeu Horonami lá em cima. Horonami gritava lá dentro. Não tinha como sair. Se Horonami fosse um Yanomami como outro qualquer, ele jamais sairia. Ele gritou e gritou lá de dentro, sofrendo, gritando e chorando. Chorava como criança. O Tatu, que o prendeu, fugiu correndo para longe. Aquele que estava preso por si só fez espocar a árvore. O Tatu já estava longe.

— Ele não vai me seguir — pensou o Tatu, muito seguro de si.

Horonami, com seu pensamento e seu sopro forte, arrebentou a árvore *roa*. Ele ficou de pé e olhou ao redor, mas o feioso que o prendeu não estava mais ali. Horonami ficou sozinho.

— *Hĩĩĩ!*

Depois de pular com a explosão, passou pegando a dala e a zarabatana que estavam penduradas. Colocou nas costas.

— *Hĩĩĩĩ!* — gemeu. — O que tem o nome de Moro, esse feioso, ele ferrou comigo! — disse, triste.

Horonami não errou de lugar: ele correu logo para onde o Tatu havia ido, e foi rápido, ensinando-nos a correr. Horonami correu na direção do lugar onde havia muitas pedras saídas da terra; ele correu e correu, seguindo os rastros do Tatu, como fazem os cachorros. Daí, Horonami correu dando uma volta, e cortou o caminho do Tatu.

Horonami o encontrou e o Tatu se assustou. Como o Tatu o havia prendido, ele ficou com medo e com raiva por dentro, e tentou agradá-lo, mas não conseguiu suscitar a compaixão de Horonami.

O Tatu apareceu.

— *Taha! Arrá!* — disse Horonami.

Era mesmo o Tatu. Ele espreitava, com a mão sobre a testa, à procura de mel. Olhava passando entre as árvores. Horonami já estava de pé, pegou um atalho e deu uma volta. O Tatu se confundiu na floresta e acabou chegando justo onde estava Horonami. Horonami estava de pé, atrás da árvore, e deu um susto grande nele. Horonami queria cortar aquele que o havia aterrorizado. Ele decidiu levá-lo até um tronco, fingindo que ali havia uma colmeia, para fazê-lo se abaixar. O Tatu pegou o machado.

— *Hĩ!* Meu filho, aqui está! Aqui está! — disse. — *Hõ, hõ, hõ, hõ!* Meu filho! *Hõ, hõ, hõ, hõ!* Venha cá ver! Olhe aqui! Meu filho, aqui está! — disse Horonami.

Horonami dizia isso tentando agradar o Tatu, e ia indo atrás dele.

— *Hĩi!* Me passa isso que você tem aí no ombro, está afiado mesmo? — disse Horonami, astuto.

A falsa colmeia fazia barulho, e Horonami fez diminuir esse barulho, para que o Tatu abaixasse a cabeça para ver melhor a colmeia. Enquanto o Tatu olhava para a colmeia com a cabeça abaixada, enquanto ele estava nessa posição baixa, ele dizia:

— Aqui está a entrada da colmeia!

Quando o Tatu disse isso, o machado já estava na mão de Horonami e, enquanto o Tatu abaixava a cabeça, Horonami o cortou bem na cintura.

Krihii, kriihii!, fez Horonami, cortando o Tatu para se vingar, pois ele tinha sofrido por causa do Tatu.

— Ėėėėããaaē! — gemeu a parte de cima do longo corpo do Tatu.

Apesar de ser só um pedaço, a parte superior correu embora, sofrendo. Do lado de cá ficou a parte inferior; as tripas vinham se esticando e a parte superior ficava rolando. Assim, as tripas foram se esticando até lá, elas não se arreventaram. A parte superior daquele que Horonami havia cortado, e que ele queria que se tornasse o tatu *moro*, foi lá para cima, até onde estão os espíritos. Foi para lá que fugiu a parte superior do Tatu. Aqui no chão ficou a parte inferior.

Só um pedaço do Tatu chegou aos espíritos. Suas tripas não apodreceram; elas foram até onde se erguem as árvores e subiram nelas. Uma parte das tripas do Tatu se transformou em cipó-de-apuí e outra parte se transformou na embira *xinakotorema*, com a qual, depois dessa transformação, os Yanomami começaram a amarrar as cabeças das redes de cipó. Foi assim.

Apesar de nossos antepassados saberem fazer redes de cipó, eles se deitavam no chão, pois não havia corda. Eles se deitavam no chão — colocavam a rede de cipó no chão para deitar.

Como foi que eles descobriram a rede de cipó? Eles não sabiam descascar o cipó-titica com os dentes, então era assim.⁵ Até as moças deitavam no chão. Deitavam uns em cima dos outros, como os cachorros. Sofriam na escuridão. Eles eram assim. Dormiam passando frio. Para que nossos antepassados não passassem mais necessidades, as tripas de Tatu se tornaram cipó-de-apuí que amarra as redes. Foi assim.

5. O cipó-titica é usado na fabricação de cestos.

Depois da transformação das tripas, eles passaram a usar o cipó para fazer terçados e machados de pedra, e para amarrar a cabeça das redes, também feitas de um tipo de cipó. Depois, com o passar do tempo, eles teceram cestos. No início eles também não sabiam tecer cestos. Assim foi. Esta história acabou.



Mororiwë

Ihi Mororiwë Yanomami a kuoma, a rapeoma. Hei a he haa piyërema, Hãxoriwë a wapëa hayurema.

Ihi exi të ha a rii pëprarema? Pëixoki pëprai rë piyë-rayonowei. Yanomami pëma kini sipara pëma pë òkapë, hãto pëma nahi tana pë tapë, xiki pë uprahaapë. Xiki a kuo tëhë pëma a ha hanirëni, pëma a kãi hikekeai. Ihi ani pëma ki pëki he òkaopë, xiki pë kupropë.

Mororiwë a pëprarema. Ihiya masitana pë kuonomi. Pëma ki nohi patama pëki tana pë kãi kuonomi. Ihi a he ha harëni, xiki ha hĩrihou xi ha wãria hëriini, hemata a pëprarema yaro.

Mororiwë hãyokoma kama e posi rë pëtarionowei, kamani posi taprarema. Himaro a ha tararini, hãyokoma kurenaha e të kuoma. A ukërema, a ha ukëriini ihi kama Mororiwëni rë a hãyokoma mahu poma. Napë pë iha të tai hirapë. Mororiwë a makui a xĩro no preaanomi. Napë pë iha hãyokoma a tapramapë, a ukërema. Hawë hãyokoma a kure a hĩikema, poo e maro kuoma a kora ha òkakini, puu a wama. Kamiyë pëma kini puu pëma pë wanomi. Pata të pëni puu pë wanomihe, u pë kãi koai taonomihe. Ihi tëhë, ihini puu pë wai hirakema, kama a rë kuo xomaonowei, Yanomami të kuo mao tëhë, të puhi rë taowei të përio nikereo mao tëhë, ihini puu pë wai rë hirakenowei kë a. Moro pë wãha kua. A he hõra harema:

— *Kou, kou, kou, kou, kou, kou!* — e kui përaoma. Harika a he hõra harema.

— *Ho!* Weti a hōra, ya tē mii ta yaio hēri kē? Tē hōra karēhou ayaa — a ku hērīma.

Ihami e katitia xoarayoma. A hōra morokotaa tayoa yaro, ai a payeri kuama mai! a hōra karēhoma. E rē hui-miiiii, e uprakema. Hei a tuyēi. Tima e tuyēma. Roa iha wāha tapramapē, roa hi ha a tuyēma. E upratarioma. Xoape! Ai tē kāi kunomi. Ihini tē pē xiimou hirakema. E upratarioma. E kahiki sukuksukumorayoma. A ma tahamore, e mamo xatipraonomi. E paxēpaxēmoma, e rerekerani.

— *Hīi*, xoape! — e kuma — Xoape! — e kui no kirihiwē pētarioma.

E kui ha, e tiraprakema:

— *Hī!* Ō! — e kuma, a ātiprario yaro — *I!* Ō! Weti kē wa wā? — e kuma. Inaha a wā hai kuoma. — Weti kē wa wā? — e kunomi.

Ihi inaha kama a wā rii hai kuoma. E mamo xatiprakema. E kahe watetarioma.

— Xoape! Exi wa tē wai kure? Exi kē tē? — e kuma — Ō! Weti kē wa?

— Wetima! — e kuma — Wetima! Mororiwē kē ya! -e kuma — Mororiwē kē ya. Ai weti naha kahē wa wāha kua kure? — e kuma, a wāha kāi yupramarema.

— *Hī!* kamiyē Horonami ya ta kui! — e kuma.

A wā kāi hai totihitao he parooma. A riēhewē yaro.

— *Hīi!* Xei! Kamiyē Mororiwē kē ya! — e kuma.

E pruxixioma. Weti a au nikerea kure? A auoma. Napē pē au rē kurenaha. A nakaa xoarema.

— Weti naha wa tē tapē xoapē? Wa tē paxai ta kurawē?

— *Hī!* Pei ya tē wai! Pei ya tē wai!

— Ya tē wapai puhia ta kurani — e kuma — Ya tē wāisipi wapai puhia ta kurani! — e kuma — Ya tē u koapē kē! Exi naxomi kē tē? — e kuma.

— *Hĩ!*, exi tē ma! Tima kē a — e kuma.

Īnaha Yanomami pēma ki kui hēopē:

— Kiha tima a kua — ya ha tararini, ya kupē.

Īhi tē hirama. Tē wāha yuprai hirai ha. A rē kure e ukukema. A nomohori nakarema. Īnaha tē pē kuaai puhio yaro. Kamiyēni pē nomohori ha nakarēni, pē no xēa rē kurepiwei naha, a taprai puhio yaro, a nakarema:

— Pei! Wapēpraayo! Xei, wapēpraayo! Xei! Hei ora-ora u nanoka pata hēkei kuhe! U nanoka pata ta kakukuprario, hēyēmi wahē ki ha rukētaroni — e kuma.

A nomohori rukēmapē. E ha kuni, e kui ha, e no xi kái imaonomi.

— *Hĩ!* Wa tē hi ka yawētēa ta yairawē! Hei tē u pē nia pata weoweo, tē u pē nia pata xararawē nohi yaii! Hei u pata koro, hei kē! hēyēmi u he pata tatoa kure! A ta rukē taru! Kiha wahē ki he ha torehe taruni, Īnaha u pata kakukupia taya hēri! Ya mamō yēo tēhē! — e xomi kuma.

A kui ha, e rukērayoma. E ihetarioma. E ha ihetaruni, Horonami e rukērayoma. E rē kōririmo hēriiwei, u he pata tatoopē ha, e upra parihirayoma. Upa paru huruni, hei a rē rukēmare ha, a rē pēpramouweini ta ka komipramarema, ai e te hi ka kuonomi. Kiha a xi wāri parihirayoma. Kohomo hami a kōmimai kupoti. A no hapimi yaro. Hei kamiyē Yanomami pēma ki rē kurenaha, a rukēi ha kunoha, a no yokēi kōtaopi rē mai! A rarima, kihami a wā kōhomoketayoma, a rariprarou no preoma, a ĩkima. Īhiru kurenaha a miomiopraoma. Hei a ka rē kōmapramariheni, e tokurayoma. A ka komaprarema yaro. Hei a xi rē wārimakihe, kihami e rērērayoma. A pēka rē kahure kama pehi hōra homoprou hērayoma. Prahaa waiki tare:

— Ware a nosi yauai mai tao! — e puhi xomi ha kuni.

Kama puhini, kama mixiā kīni, roa hi pata hētīmarema.

— *Hīīī! Pou!* — a upratarioma. Wāriti tēni a ka rē kahupraiwei, a mīprarema kuonomi. Yami a hētarioma.

— *Hīīī!* — e kuma.

E ha yutupraikuni kama ruhu e ma ki pesi rē rukē-pouwei, ma ki pesi hayurema. Tē ki ha yehitarini:

— *Hīīīī!* Pei a wāha yuamou Moroa rē wāritire, a no hore huxuai mata yai taniīīī — a kui he yautarioma.

Yai hami e kái hui mai! Ihi kama a hu hēripē hami e rērēa xoarayoma, e hua xoarayo hērima, tē pē rērēai hirai ha. Maa pruka ma pē pata ureremopē hami, a xomi ma rērērayonowei, ihi rē mayo hami e rērēa hērayoma, hiima kurenaha. Kihami a rē rērēre, kihami e xokei tēhē, hei kama a rē kui, a xokei tēhē, mi yapai tēhē, hēyēha a mi heturema, Mororiwē e kirirarioma. A ka kahuprarema yaro, e kirirarioma, a asimoma, a wā xomi hiraama, a nohi no ohotaamopima mai! E pētarioma

— *Taha!* — e kuma.

No yaipimi. E huko si yohoa taroma, puu na pē miī ha. Hii hi pē koro hami e kuapraroma. Hei a ma upraa waikire ha. Hēyēmi a he rii tiheriprou, kihami a xomi rē xokeprora kiri, a nohi rē mohotuaimi, hei te hi ki miī rē katitirayoi ha, a upraoma. Hēyēmi a ayōriprou, a upraoma. E mi yami kerayoma. Iīha a rē kirimare, iha rē a pēprarema. Hei a rē ruruare, hēyēha e naki pēka tamakema, e kuami makui, a ruruapē, kama mohe potamapē. Hāyokoma e yurema.

— *Hī!* xei, hei kē a, hēyēha a kua kure — e kuma. — *Hō, hō, hō, hō, xētēwē tē wai, hō, hō, hō, hō, hēyēha kē tē ta mīpra ayo, xei, hei kē* — e kuma.

A xomi yokomama. Ihi a ma kui tēhē, e ayōprarioma.

— *Hīhi, mihi tē ta hiprao! Wa tē rē rukēpore tē namo? Tē namowē, namo kē tē!* — e kui topraroma.

Hëyëha e naki makuonowei makui, e naki ã mi wëtëa piyëmakema. E naki mimapë. Inaha e naki mi ha, e kutou tëhë:

— Hëyëha hei të ka wai — e kutou tëhë, ïhi e rë yure, mohe potou tëhë, pei pëixoki yai ha a pahetiprarema:

— *Kriiii, kriihiii!* — kama a no yuo ha, kamani a no preaamai tikooma yaro.

— *Ëëëääääë!* — oraora e kuma, a ma hematai, hëyëmi a no preaa hërima.

Kihi korokoro a rë praa hëratu hami xiki hërihou hëoi-mama, oraora a rë yapuro hëriiwei, yapuro hërii, yapuro hërii, yapuro hërii, inaha xiki hërihou kurakiri, xiki hëti-nomi, kama a rë pëprarihe, oraora a rë kui.

A Mororiwë praii puhiope yaro, hekura pë ihami, a ora hurayoma. Ihami a ora tokurayoma. Kiha korokoro a prao hëoma. Ihi Mororiwë a waropë hemata. Ihi xiki rë kui, xiki kãi tarei maopë, hii hi kuopë hami, xiki kãi tua xoape hërima, xiki a kuprarioma. Ai xiki xiki kuketayoma. Kihami ai xiki katirayo hërima. Kihami xinakotorema a kuprarioma, ïhi xi pë hami. Inaha xi pë rii ha kuraruni, të pë pëki he òkaoma, hapa. Inaha a taprarema.

Hapa të pë pëki tao makui, pei të pë praoma. Tona ki kuami yaro. Të pë praoma, të pë përiapë hami, të pë pakohepramoma.

Ihi weti ha pëkipëki a ha tarariheni? Të pë mohoti yaro, hei masi pë makui, too toto pë makui, të pë kã waxai taonomihe. Inaha të kuoma. Kuwë yaro, të pë moko makui të pë praoma. Hiima pororoo kurenaha të pë kupramoma, të pë kuaama. Ruwëri kë të pë no preaai kure. Inaha të pë kuoma. Sãihiri, të pë prapramoma, inaha. Inaha të kuoma. Kamiyë pëma ki no patama hõriprou maopë ïhi Mororiwë xiki xikiprarioma.

Ihĩ xiki ha kupraruni, sipara pẽ, poomaro pẽ wai hi-
imamahe, tẽ pẽ pẽki he kãĩ ãkaoma, tẽ pẽ opi puhĩ ha
taorini, yorehi si pẽ kãĩ tiyẽmahe, wii pẽ kãĩ tiyẽi taono-
mihe, hapa. Inaha tẽ pẽ kuaama. Ihĩ ei tẽ ã rẽ kui, tẽ ã
makema.

O surgimento da banana

A HISTÓRIA da banana-pacovã. No início era assim. Nossos antepassados surgiram e não sabiam plantar bananas. Não fosse por isso, não haveria essas bananeiras. Não teria aparecido esse tipo de banana.

Como pensou e agiu aquele que fez surgir a banana, depois de morar e se estabelecer? Geralmente a gente vai à mata e encontra um lugar como se alguém tivesse roçado, um lugar queimado e limpo, bem no meio da selva. A gente chama esse lugar de *queimado do Fantasma*. Nesse tipo de lugar se encontra um telhado de palha, como aquele que nós costumamos tecer.

Embora ninguém tenha dito ao Fantasma, “teça as palhas assim!”, ele as teceu, apesar de ninguém ter ensinado para ele. Depois de Horonami ver o queimado, ele encontrou o Fantasma, dono do queimado, que morava ali. Nesse tipo de lugar, erguem-se os pés de sororoca, que são semelhantes às bananeiras, mas não dão banana.

O surgimento das bananeiras, não foi porque o Fantasma cortou, queimou e roçou a sororoca. Ele não as plantou. Elas simplesmente surgiram no dia seguinte.

*Proto! Pauximi! Proto! Rokomi! Proto! Monarimi!
Proto! Pakatarimi! Proto! Nakoaximi! Rokoya! Rokoroko!
Roorewě!*

Estas bananeiras e sororocas simplesmente saíram delas mesmas. Dois dias depois, o Fantasma voltou ao lugar onde havia queimado as sororocas e viu que tinha nascido também batata-doce. Não foi em outros xaponos que ele pegou. Lá onde Fantasma tinha seus alimentos, onde havia as bananeiras, as sororocas se transformaram em bananas-pacovãs e a batata-doce surgiu. Ali também dava cará, ária, pimenta e o mamoeiro. Foi o Fantasma que fez aparecer as bananeiras. Elas vêm do Fantasma.

Por que ele as fez aparecer? Porque ele tinha um filho, que ele tinha de alimentar.

Ao ouvir a voz do filho do Fantasma, Horonami descobriu a sua moradia e pegou com ele umas mudas de bananeira.

O Fantasma não tinha outros parentes. Ele mostrou aos Yanomami que é possível ter somente um filho. Ele fez apenas um filho, apesar de sua esposa ser moça. Agora ele não é mais pajé, como foi em vida.

Aquele que vinha, Horonami, encontrou as bananeiras e pediu mudas ao Fantasma. Quando não existiam nem roças, nem Yanomami, depois de Horonami pegar as bananeiras, ao chegar ao seu xapono, ele deu nomes a elas, deixando com isso o ensinamento de como plantar as bananeiras. Ele as pegou para nós as termos. Até hoje existem as bananas de diferentes variedades: *rokomî*, *na-koaximî*, *rokoya*, *pauximî*, *monarimî*, *pakatarimî*. Assim foi.

Nossos antepassados e os antepassados dos *napë* não comeram banana desde o início. Hoje, tanto os *napë* quanto os Yanomami plantam bananas, a partir do ensinamento de Horonami.

COMO OS NAPĚ DESCOBRIRAM A BANANA

Como aconteceu a descoberta da banana pelos *napĕ*? Qual foi o Yanomami que levou as bananeiras aos *napĕ*? Ninguém levou as mudas de bananeira aos *napĕ*. Uma moça estava reclusa.¹ A água saiu e as roças afundaram. Essa água levou a mulher e por onde a levou, levou também as bananeiras afundadas, até aonde os *napĕ* vivem; foi o rio que levou as bananeiras para que eles, os *napĕ*, as descobrissem. O rio desejava a mulher menstruada porque ela era bonita. No que ela se tornou? O rio a levou porque a desejava. Da mulher menstruada que as águas levaram, sua imagem se espalhou nos rios. Multiplicou-se a partir dela mesma. Foi a água que a pegou. O rio disse:

— Meu sogro, quero uma mulher! Me dê a sua filha!

O rio entrou, perseguindo a mulher. O rio entrou rápido. Olha só a água! Ela entrava por trás das casas, apesar de a terra ser alta.

— *Prako! Prako!* — dizia o grande rio.

O pai mandou pintar a filha, nessa hora ele a pintou, seu irmão a pintou. O pai mandou seu filho pintá-la. Ele estava com muito medo de se afogar na água, que vinha ameaçadora, se mexendo como em plena tempestade. A água se mexia com grandes banzeiros, nos quais a mulher pintada foi jogada, apesar da sua beleza. Seu pai a fez afundar. O rio levou a sua filha, e não a devolveu. Ela não se afogou, e o rio a levou como sua esposa.

1. Quando a menina yanomami tem sua primeira menstruação, ela fica em reclusão por um período entre uma semana e dez dias, dentro de um pequeno cômodo feito de folhas de açaí no xapono. Essa reclusão a protege do assédio de espíritos num momento em que ela fica em evidência. Aqui a moça atrai o interesse do rio, que a carrega para fora do xapono para se casar com ela.

— Eu, apesar de ser água, farei dela a mãe d'água! Eu vou pegá-la — disse o rio.

Por isso, esta Yanomami se tornará a mãe do rio. O rio se retirou. Depois de pintarem seu rosto com desenhos bonitos, colocaram penas de cauda de papagaio nas suas orelhas. Feito isso, as folhas de açazeiro da reclusão foram removidas e a água entrou. O xapono dele era como os nossos.

— Mãe! Mãe! Pinte minha irmã! Enfeite-a! Enfeite-a depressa! — disse o irmão da moça.²

— Essa ideia dói muito, meu filho, mas não tem jeito, entregue mesmo tua irmã!

Apesar de ser o rio, assim falou o pai. Ele mandou entregar a filha. Foi assim que ele disse. Existe um canto sobre a mulher levada pelo rio, há um canto sobre ela:

Xiri tõi!
Xiri tõi,
Xiri tõiwě,
Xiri tõi,
Xiri tõi,
Xiri tõi,
Xiri tõiwě!

Ela cantou. Quando ela pronunciou o nome de seu marido, o rio respondeu:

— *Tuuuuuuuuuuuu!*

— *Xiri tõi! Xiri tõi! Xiri tõi!* — cantou o pai.

2. A moça enfeitada normalmente seria entregue a um marido humano, não a um marido rio.

Ele falou assim, cantou assim e, quando parou de cantar, o xapono quase caiu, levado pelo rio. O irmão a pegou para jogá-la, apesar de ela estar chorando. Ela chorava, por causa do seu irmão:

— *fiiaaĩi!* Meu irmão! Meu irmão! Não fique triste! Meu pai! Meu pai! Não fique triste! Minha mãe! Minha mãe! Não fique triste!

Enquanto ela chorava assim, o irmão a pegou.

— *Hĩi! Kopou!*, ele a jogou de cabeça.

Fazendo assim, a água a pegou e logo a levou. O rio cheio já estava esperando. Quando o rio se retirou, revelou uma grande extensão de terra.

— *Puuu!* — disse o rio.

Foi assim, o rio desceu de uma vez só.

— *Aëëë!* — ela disse.

A mulher se tornou boto, aquele que boia na superfície da água, pois a jogaram na água quando ela estava menstruada; ela estava de reclusão, a vagina dela estava ainda sangrando. Por isso se tornou a mãe d'água. A imagem dela se espalhou e ocupou todos os rios. Aquelas bananeiras *rokoroko* que a água levou, bem como as pacovãs, se multiplicaram na terra dos *napë*. Assim foi, as bananeiras se multiplicaram.



Pore

HAPA, ñaha të ã kua. Kamiyë pëma ki no patama rë pëtore hami, kurata si keai taonomihe. ñhi të mao ha kē kunoha, kihi të si ki kuami. ñaha kuwë të si no pëtöpërë mai!

Ñhi weti naha të ha taprarini, kama a përiopë ha, a përitopë ha, weti naha a puhi ha kutaruni, kurata si ki kupropë të tama? Urihi pë kã ma rë humouwei, kihami wa hui, poreĩxinoripi kama hawë ai të hikarimoma, të ñino wararawë praa, praa hōkoa. ñaha të rë kuawei ha hei kurenaha kamani ñhi hei kurenaha pëma hena pë tiyëpë. Kama Pore a rë përiouwei, ñhi heinaha tiyëwa e henaki kuoma. Hei kurenaha:

Ñaha henaki ta tiyëprari! A noã tamoimi makui, ñhini henaki kã tiyëwa kuoma, hei yãa kurenaha. A hiramonomi makui. ñhi a rë përire ha, a rë përiouwei ha, ñino kama e të ha tararini, Pore kama ñxinoripi he harayoma. ñhi të pë kuopë ha, hawë kurata si pë rë kure, të pë tuku ma rë xirikii, mokohe mo si pë rë kui. ñhi mo si ki a rë kuprarionouwei, kurata si ki.

Poreni kama ñxinoripi ha këaruni, kama poo eni, të pë ha pëarini, ñino ha pëaruni, të ha ñimarini, ñhi mokohe mosi ki ma kuouwei, kamani a keanomi. Mokohe mosi pë kuopë ha, tuku uprahaopë ha, të pëkema. Pëarini, të ñimarema, ai të henaha, ai të henaha, kurata si ki.

*Proto! Pauximi! Proto! Rokomi! Prohto! Monarimi!
Proto! Pakatarimi! Proto! Nakoaximi! Rokoya!*

Kama rokoroko e ki, roorewë, kama e xïro harayoma. Ihi mokohe mosi pë ìximapë ha, ai tē henaha, ai tē henaha, tē mii mī ayoma. Hukomo ìha e kãi homoprarioma. Ai tē yahi ha, ai tē yahi ha, a ha yahirini, a ha yurëni, a yuonomi. Iha kama Pore ni pëtopë ha, kurata e si ki kupropë ha, mokohe e mosi ki kuratapropë ha, hukomo e pëtaroma. Ihami e kau homoprarioma. Āhëãki ìharë, kumawë ma ki ìharë, prãki ãsi ki ìharë, ìnaha tē pë kuprarioma. Xamakoro e kãi kaurayoma. Iharë ìhi Poreni kurata si ki rë pëtamarenowei kurata si ki.

Pore ihami si ki, ìhi exi tē ha e si ki pëtaroma? Ihirupi e mahu kua yaro. Suwë e kuami makui, wãro, ìnaha e kuoma. Ihirupi e kua yaro, kurata si ki pëtamarema, mokohe mosi ki kurataprarioma.

Ihi Pore a rë kuini si ki, ìhi iha si ki kararu piyërema, Horonamini, a he ha harëni. A përia ha tararini, ihirupi a wã he ha harëni, ihirupi mahu e tē wai kuoma. Payeri kuonomi, suwë pë yaì ai yaì e kuonomi. Yanomami tē pë xapopipropë, tē pë xapopi hirai ha. Mahu e tē wai takema, moko makui. Hei tēhë, a rë kuonowei naha, a hekura kuwëmi.

Hëyëmi e ha kuaaimani, hëyëha a he harema, a he hareyoruma. Ihi heini a he rë haarëni, kurata si ki kararu nakarema, Pore iha. Yanomami tē pë hikapipi mao tēhë, tē pë përio mao tēhë, ìhi iha si ki ha yurëni, tē pë ha hirakini, kama e tē pë ha hirakioni, a kōopë ha, tē pë noã ha tarini, ìhi kurata si ki kãi wãha ha yuprarini, si kararu kearemahe. Ihi pëma a piyëmai puhio yaro, si ki yurema. Kihami si ki rë pëtono rë kure hami, ai ìha si ki kua xoa: rokomi, nakoaximi, rokoya, pauximi, si pë kua xoa. Inaha tē kuprarioma.

Hei kamiyë pëma kini no patama rë kui, pëma ki napë pë no patamapi rë kuini kurata a wai haionomihe. A

wanomihe. Napë pë no patama maa xooa yaro. Kuami yaro. Inaha të kuoma. Ihi weti iha kurata si ki rë yurehe, si ki rë pararayonowei, weti a wāha hapa kua? Pore a yaia. Pore hesiopi xo ki përipioma. Porakapi. Kutaeni ihi iha a rë pararayonowei kurata, napë pëni kurata a kâi taihe.

Ihi weti naha si ki yua ha tarë hëriini, weti Yanomami tēni si ki ha yurë hëriini, napë pë ihami si ki he haapehe, si ki kurayo hëriima? Ai tēni si ki yuanomi. Suwë a ha yipimorini, a pesi prakema. Suwë a rë yipimore hami, mau uni suwë a ha puhini, a riëhëwë yaro, ihi exi të kuprarioma? Suwë pë rë kui, exi të pë të kupropë? A yure hëriima, a no ha puhiarini. Hei a suwë yipimono rë yurenowei, a no uhutipi pata u hami a kurarioma. Pruka a kuprarioma. Pei a yai. Kama uni.

— Suwë ya puhii! Xoape, tëëhë a ta hio! — u pata ha kuni, kama u pata harayoma.

U pata hai nosi yauama. U pata hai xoatarioma. Kihi u pata, kiha të pata ma tirere, kihi xika hami të mi pata tēaai he yatia.

— *Prako! Prako!* — u pata kuma.

Ihi tëhë hei pë tëë a rë kui a yāprarema, heinaxomi naha, të rë kurenaha, hei kurenaha, a yāprama, heparapini. Pë hiini e noā waxukema. Kama a mixi no tukepi ha, mau uni a napë kuyëpraimai yaro, yari a hui tëhë, u pë pata rë kuaaiwei naha, u pata kuaama. Hawë pë të u pata hoyahoyamaihe, të u pata kuaai ha, yāprano a kemaparema, a riëhëwë makui. Iha pë hii e kepema. Pë tëë a rë kui ihi uni e yure hëriima. Kōamai kōanomi. A mixi kâi tuamanomi. Mau uni a yure herima, hesiopi.

— Hei mau ya u rë kui, ya u niipi kupropë, ya yurei kuhe — e u kuma.

Kuwë yaro pë nii e u kua, Yanomami. U pata harayoma. A ha yāprarini, werehi e texinaki kâi huukema. A mi

kāi yāakema, riēhēwē a oni taprarema, wāima e henaki
hoyaremahe, hoyai tēhē e u pata hama, hei ipa xaponō
kurenaha e kuoma.

— Nape! Nape! Nakami a ta yāprarixē! A ta pauxi-
prarixē! A ta pauxiprai hairō!

— Pēhē ki puhī kuaai pērai kē, xei, kuopētao kē yai
wani a ta hipēkixē! — mau u makui ha, pē hīi e kuma.
E hipēamai puhima. Kama nomahēa. Inaha e kuma. A
amoa kua, mau unī a rē yure herinowei:

Xiri tōi!
Xiri tōi,
Xiri tōiwē,
Xiri tōi,
Xiri tōi,
Xiri tōi,
Xiri tōiwē!

E kurayoma. Ihi kama hēaropi u wāha yuai ha:

— *Tuuuuuuuuu!* — a wā hurema, mau unī. Ihi pē hīi:

— *Xiri tōi! Xiri tōi! Xiri tōi!* — pē hīi e kuma.

Kui tēhē, ihi ei rē e tē rē takihe ha, e tē huhe tai tēhē,
a pehi kāi mori raia hērii tēhē, pē yaini a xēyēparema, a
hurihia nokarema, e mia no preo makui. E ikima, pē yai
a mia no poma.

— *hīaaaī!* Apawē, apawē kuo pētao! Hapemi, hapemi,
kuo pētao! Napemi, napemi kuo pētao! — e kuma.

A ma kui tēhē, a hurihia he yatirema.

— *Hīi Kopou!* — a epētarema.

A xēyēa epēparema. Kuaai tēhē, a nokare herima. Ihi
a no tapomai yaro, u rē ōkimohe, u ōki rērēi makuimi.
Hīi! Urihi a pata! Puuuu! U pata kuma. Heinaha tē pata
kutario hērima.

— *Aëëë!* — suwë a kutario hërima.

Ihi a rë potuprarionowei, ihi rë pë pokëkou, yipi a ke-
maparema yaro. A pesi praoma yaro, naka iyëo xoaoma,
iyëiyë hëyëmi e yōu xoawë yaro a kemaparema. Kuta-
eni hei mau u niipi kuprarioma. Kama a no uhutipi, pë
huokema, pë xerereokema. Mau u ki haikirema. Ihi tēhē
rokoroko si pë pata rë yure herinowei, kurata ai pë pehi
pata rë yure herinowei, pë pararayoma, napë pë urhipi
hami! Inaha tē kuprarioma, paraomopotayoma.



A anta que andava nas árvores

Foi Horonami quem perguntou os nomes dos animais. Horonami encheu a floresta de animais. Horonami encontrou a anta Xamari, que andava como Yanomami. Ela andava nos galhos baixos, vindo em sua direção.

— *Hukru! Hukru! Prãããõ!* — ela fez ao cair.

Ela andava nas árvores como os cuatás. Afinal, ele encontrou a anta andando nas árvores. Felizmente, ele fez com que ela descesse, para que nós pudéssemos comê-la.

É sempre um acontecimento quando matamos uma anta para comê-la!

A anta não andava no chão: andava nas árvores de uma espécie nativa de louro, atravessando os galhos e comendo as frutas maduras. Horonami fez quebrar o galho para que a anta caísse. Depois de cair, ela se acostumou a andar no chão.

A anta chegou ao xapono dos esquilos, mas lá não deu certo, então ela foi para a mata. Os esquilos se juntaram quando a anta ainda era Yanomami, e a chamaram. Queriam saber quanto ela aguentava comer.

Os esquilos viviam como Yanomami: moravam em um xapono no alto das árvores e faziam festas como nós, embora eles fossem se tornar animais. Um dia, eles chamaram as cutias, os caititus, as queixadas, as antas, os

papagaios e as maitacas. Havia muita comida, mas os convidados não conseguiram comer tudo. Até a anta também desistiu de comer, pois pressentiam que algo ia acontecer.

De repente, todos eles se transformaram em animais.

As queixadas também eram Yanomami. Os cipós se arrebutaram e elas caíram. Foi lá, na região do xapono dos esquilos onde não conseguiram comer, pois estavam prestes a se transformar. Não havia nenhuma queixada antes de eles se transformarem. Nessas regiões, não havia queixada. Subiram até o alto, subiram, estavam subindo até a ponta do cipó. Lá, o cipó arrebutou no meio. Queixada! Se isso não tivesse acontecido, lá naquela floresta, hoje as queixadas andariam nas árvores.

A anta foi quem caiu primeiro e passou a andar no chão, tornando-se um animal terrestre. Em seguida, o cipó das queixadas arrebutou. Outros Yanomami, que ficaram na parte superior do cipó se transformaram em macacos cuatás. Assim foi.

As queixadas ocuparam toda a floresta. Elas desceram rio abaixo. Horonami conseguiu assim fazer a anta descer ao chão, e hoje nós as comemos. Assim que foi. Não havia animais no início, pois eles viviam espalhados, como os Yanomami, em vários xaponos.

Yāukuakua! Yāukuakua! Ninguém fazia assim. É assim mesmo. Esse grande animal que anda no chão, quando estamos famintos de carne, nós a comemos, ela anda mesmo no chão. Nós a comemos.

Xama a rë ñmñnowei

I Hîni xîro yaro a rë warireni, îhini urihi a no yaropi kâi tapramarema.

Xama a makui, a he kâi harema, Xamari Yanomami a huma. Kihami yahatoto hami a imima, kiha tē pē pata imii:

— *Hukru! Hukru! Prããão!* — a pata ha prërëni, a pata kuma.

Paxo kurenaha xama a imima. A imii he haa piyërema, hore kunomai, a kea piyëmarema a horehewë tikowë yaro, xama, kamiyë pëma kini pëma pë wapë.

Yakumi pë ha niapraheni pëma pë wapë. Kahu ki hami a pata ha imiri hërinî, a pata ha piyëikuni, tatetate ki wapë. Inaha xama pita hami a hunomi, hapa. Imirewë kē a kuoma. Ihi a rë imire, a pata ha kerinî, pita hami a hua xoarayoma. A hua hexipaa xoarayoma.

Wayapaxiri pë iha a waroo xi ha wãrianî, urihi hami a hurayoma. Iha a kerayoma, a pehi ha këprarunî. Ihi kōmi tē pë ha kōkaprarunî, Xamari a Yanomami kuo tēhë, a nakaremahe. A wausi wapapehe, Wayapaxiri pëni.

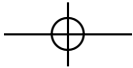
Yanomami pë hiraoma, xapono kurenaha pruka pë hiraoma, pë reahumoma. Yaro pë kuoma makui, pë kâi reahumoma. Wayapaxi pë rë kui, tomi, poxe, warë, xama, werehi, ârima pë nakaa hititirema. Makui, Wayapaxi pë ni haikianomihe. Xama a makui, a kâi tiraa no prekema.

Iha pë xi rii wārihou xoaoma. Warë Yanomami pë kuoma. Iha pë pehi kãi hëtimarema. Iharë Wayapaxiri pë iha pë iai xi wāriama, warë a hunomi. Hei pë urihi hami warë pë hunomi. Ihi kihami horehe hami warë pë mori imima, hititiwë. ?hete hei pë ora pata rë tuore, tē pë pata imii, ora pata kuaa hërii, hërii, hërii, kihi tokori pë rë kurati naha, kiha pë pehi pata hëtirayoma. Warë!

Xama xoma hami a kerayoma, pita hami a hui waikio tēhë, a pitamou waikio tēhë, ïhi tē nosi yau hami warë pë pehi rë hëtire, paxo ai pë hurayoma. Oraora paxo kē pë. Inaha pë kuprarioma.

Warë pë rë kui, hei pë pata rë hëtire, urihi a rë kui a haikiprarioma. Hei pei pë koro yai rë kui pata u koro rë kure hami pë pehi pata nihōroye hërima. Hei pëma pë wapë. Inaha tē kuprarioma. Yaro a hunomi, hapa, pë përihiwë yaro, Yanomami kurenaha tē pë xaponopi kuprawë yaro, pë hunomi.

— *Yāukuakua! Yāukuakua!* — ai tē pë kãi kunomi. Inaha tē yai kua. Ihi a pata rë hure, a ha pitapraruni, kamiyë pëma ki naiki, a wamopë a pitapramai he yati-rayoma. Pëma a wapë.



COLEÇÃO «BOLSO»

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
42. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
43. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
44. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
45. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
46. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
47. *No coração das trevas*, Conrad
48. *Viagem sentimental*, Sterne
49. *Arcana Coelestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
50. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
51. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
52. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
53. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
54. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*

55. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
58. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
59. *Entre camponeses*, Malatesta
60. *O Rabi de Bacherach*, Heine
61. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
62. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
63. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
64. *A metamorfose*, Kafka
65. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
66. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
67. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
68. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
69. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
70. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
73. *Gente de Hemsö*, Strindberg
74. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
75. *Correspondência*, Goethe | Schiller
76. *Poemas da cabana montanhosa*, Saigyō
77. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
78. *A volta do parafuso*, Henry James
79. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
80. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
81. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
82. *Inferno*, Strindberg
83. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
84. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
85. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
86. *Jerusalém*, Blake
87. *As bacantes*, Eurípides
88. *Emília Galotti*, Lessing
89. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
90. *Emile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
91. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
92. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
93. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
94. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
95. *Sobre a liberdade*, Mill
96. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
97. *Pequeno-burgueses*, Górkí
98. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
99. *Educação e sociologia*, Durkheim
100. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamantis
101. *Lisístrata*, Aristófanes
102. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
103. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
104. *A última folha e outros contos*, O. Henry
105. *Romanceiro cigano*, Lorca
106. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
107. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
108. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
109. *Odisseia*, Homero
110. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
111. *História da anarquia (vol. 2)*, Max Nettlau

112. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
113. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
114. *A arte da guerra*, Maquiavel
115. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
116. *Oliver Twist*, Charles Dickens
117. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
118. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
119. *Édipo Rei*, Sófocles
120. *Fedro*, Platão
121. *A conjuração de Catilina*, Salústio

COLEÇÃO «HEDRA EDIÇÕES»

1. *A metamorfose*, Kafka
2. *O príncipe*, Maquiavel
3. *Jazz rural*, Mário de Andrade
4. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
5. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Friederich Engels
6. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
7. *Præterita*, John Ruskin
8. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
9. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
10. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
11. *Teogonia*, Hesíodo
12. *Trabalhos e dias*, Hesíodo

COLEÇÃO «METABIBLIOTECA»

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

25. *Democracia*, Luiz Gama
26. *Liberdade*, Luiz Gama
27. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
28. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glaucio Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosao: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile
11. *A sociedade de controle*, J. Souza; R. Avelino; S. Amadeu (orgs.)
12. *Ativismo digital hoje*, R. Segurado; C. Penteado; S. Amadeu (orgs.)
13. *Desinformação e democracia*, Rosemary Segurado
14. *Labirintos do fascismo, vol. 1*, João Bernardo
15. *Labirintos do fascismo, vol. 2*, João Bernardo
16. *Labirintos do fascismo, vol. 3*, João Bernardo
17. *Labirintos do fascismo, vol. 4*, João Bernardo
18. *Labirintos do fascismo, vol. 5*, João Bernardo
19. *Labirintos do fascismo, vol. 6*, João Bernardo

COLEÇÃO «MUNDO INDÍGENA»

1. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
2. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
3. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri

4. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
5. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupã Popyguá
6. *Os cantos do homem-sombra*, Mário Pies & Ponciano Socot
7. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
8. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
9. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
10. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin Gallois
11. *Os Aruaques*, Max Schmidt
12. *Cantos dos animais primordiais*, Ava Nomoandyja Atanásio Teixeira
13. *Não havia mais homens*, Luciana Storto

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

COLEÇÃO «NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

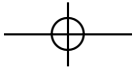
1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

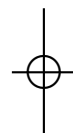
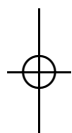
COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin

COLEÇÃO «ANARC»

1. *Sobre anarquismo, sexo e casamento*, Emma Goldman





Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na
gráfica Meta Brasil, na data de 18 de abril de 2022, em papel
pólen soft, composto em tipologia Minion Pro e Formular,
com diversos softwares livres, dentre eles Lua^ATeX^E git.
(v. 6c5d66e)

